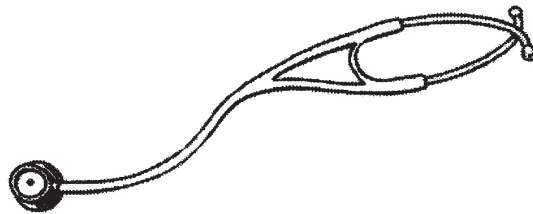


ELIO GASPARI



ENTREVISTA

Aloysio Campos da Paz Jr.

(66 anos, cirurgião-chefe da Rede Sarah de hospitais)

– *O Sarah de Brasília foi considerado o melhor hospital público do país. A que o senhor atribui esse sucesso?*

– Ao nosso regime jurídico e à nossa estrutura. O Congresso nos deu a possibilidade de funcionar com dotações orçamentárias. Nossos funcionários trabalham em regime de dedicação exclusiva, sem estabilidade. Não há na Rede Sarah o médico que tem emprego no hospital e consultório mais adiante. Também não há porta especial para os pacientes de planos de saúde. A Rede Sarah tem hospitais em cinco estados. São mil leitos, com 170 médicos. Neste ano nossa dotação é de R\$ 230 milhões. Não temos serviços terceirizados. Um médico entra no Sarah ganhando em torno de R\$ 6 mil e um cirurgião pós-graduado, com especialização no exterior, recebe R\$ 14 mil. Esse é meu salário. Acredito que os nossos custos estejam 25% abaixo da média da rede pública. É possível que a Rede Sarah seja o que é porque as coisas são simples: a fonte de recursos é uma só, o emprego é um só e a porta dos pacientes também é uma só. As pessoas que trabalham no Sarah gostam da profissão e gostam de receber pacientes.

– *O senhor começou a organizar o Sarah há quase 30 anos. Passou o tempo, ele virou uma rede e acumulou prestígio. A que o senhor atribui o fato de ninguém ter tentado replicar essa sua experiência?*

– Ao corporativismo e à sua capacidade de embutir o medo do incerto. Muita gente prefere ganhar mal, trabalhando num hospital medíocre, inserindo-se num processo insidioso, com a ilusão da estabilidade. Preferem-se as regras fixas, mesmo que isso leve muitos médicos a capturar pacientes na rede pública, levando-os para seus consultórios particulares. Felizmente, não nos regemos pelas regras do SUS, que remunera os procedimentos.

Quanto mais você faz, mais você ganha, e acabam fazendo cesariana em homem. É possível que a experiência do Sarah não seja replicada por falta de liderança. Um jovem médico pode até acreditar num projeto desses, mas que garantia você lhe dá de que daqui a dois anos o hospital não mudará de direção? Os jovens só se espelham nas pessoas que fazem o que dizem. Eu fico 15 horas por dia no hospital.

– *O senhor acha que os planos de saúde privados são uma solução ou um problema?*

– São as duas coisas, mas a saúde pública brasileira só tem uma solução: é a sociedade ir buscar de volta o dinheiro dos seus impostos. Essa história de atendimento gratuito, tanto no Sarah quanto na rede pública, é falsa. O contribuinte recebe em serviços médicos a contrapartida dos impostos que paga. Se você abdica desse direito, o serviço apodrece. Foi assim que apodreceu a educação e é assim que apodrece a saúde. Os melhores médicos do Brasil são funcionários públicos. Como é que se entende um hospital com grandes médicos e mau serviço? É a estrutura pérfida somada à falta de liderança e aos conflitos de interesses. Os aparelhos de ultra-som dos hospitais públicos vivem quebrando. São aparelhos relativamente baratos e o paciente, reclamando do hospital público, vai fazer o exame no consultório privado. Já no caso de uma ressonância magnética (máquina cara), o paciente vai ao consultório e descobre que o médico é tão bonzinho que só vai lhe cobrar a consulta, pois tem como conseguir o exame na rede pública. A sociedade tem que ir buscar seus impostos de volta. Isso pode acontecer com a participação dos médicos, porque ninguém estuda seis anos numa faculdade para ficar pulando do emprego para o consultório nem para passar uma parte do seu tempo discutindo questões financeiras.